

Crenças e Atitudes Linguísticas de Falantes de Irati (PR)

BELIEFS AND ATTITUDES OF SPEAKERS FROM IRATI (PR)

Clarice Cristina **CORBARI***

Resumo: Este artigo tem por objetivo anunciar resultados parciais de pesquisa sobre crenças e atitudes linguísticas manifestas por falantes de Irati, município paranaense que se caracteriza por constituir um cenário sociolinguístico complexo. Norteiam este estudo princípios teórico-metodológicos da Sociologia da Linguagem, da Sociolinguística e da Psicologia Social referentes à análise de crenças e atitudes linguísticas. O *corpus* foi coletado por meio do projeto interinstitucional *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* (AGUILERA, 2009), a partir de um questionário de 48 perguntas, aplicado a dezoito informantes. As perguntas, elaboradas a partir de uma perspectiva mentalista de “medição” das atitudes, buscam coletar dados referentes à consciência linguística dos informantes quanto às línguas faladas na comunidade, à avaliação dessas línguas e de seus falantes, às tendências de reação frente a essas línguas e falantes, dentre outros aspectos reveladores das crenças e atitudes linguísticas dos iratienses. Os resultados dão pistas importantes ligadas aos três componentes da atitude postulados por Lambert e Lambert (1966), ou seja, o cognitivo ou cognoscitivo, o afetivo e o conativo ou comportamental.

Palavras-Chave: Crenças e Atitudes Linguísticas. Contexto multilíngue. Línguas de herança.

Abstract: This article aims at informing partial results of research on linguistic beliefs and attitudes expressed by speakers from Irati, a city in Paraná (Brazil)

* Doutoranda em Letras e Linguística pela UFBA. Professora de Língua Inglesa da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Contato: ccorbari@yahoo.com.br.

that constitutes a complex sociolinguistic scenario. This study is based on theoretical and methodological principles of Sociology of Language, Sociolinguistics and Social Psychology concerning the analysis of linguistic beliefs and attitudes. The *corpus* was collected as part of the inter-institutional project *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* (Linguistic beliefs and attitudes: a study on the relation between Portuguese and contact languages) (AGUILERA, 2009), through a questionnaire with 48 questions, applied to eighteen informants. The questions, designed in conformity with a mentalist approach of “measurement” of attitudes, seek to collect data concerning the linguistic awareness of informants about the languages spoken in the community, the evaluation of these languages and their speakers, the tendencies of reaction with regard to these languages and speakers, among other aspects that could reveal the linguistic beliefs and attitudes of Irati residents. The results provide important clues related to the three components of attitude postulated by Lambert and Lambert (1966), that is, the cognitive or cognoscitive, the affective and the conative or behavioral components.

Key-Words: Linguistic Beliefs and Attitudes. Multilingual context. Heritage languages.

Introdução

O Estado do Paraná, graças à colonização por descendentes de imigrantes de diversas etnias e aos contatos estabelecidos nas regiões fronteiriças a países hispano-americanos, apresenta um cenário sociolinguístico complexo que propicia o estudo tanto das línguas em contato quanto das crenças e atitudes relacionadas a essas línguas e a seus usuários, já que tal cenário favorece manifestações tanto positivas (prestígio linguístico) quanto negativas (desprestígio linguístico) dos informantes frente aos falares locais.

Neste artigo, objetiva-se apresentar alguns resultados de pesquisa sobre crenças e atitudes linguísticas realizada em Irati, município localizado na mesorregião Sudeste do Paraná, cuja população é formada pela mescla de diferentes etnias de origem europeia, especialmente ucranianos e poloneses. De acordo com o historiador iratiense Orreda (2007), a localidade recebeu sua primeira leva de colonos estrangeiros em 1908, um ano após sua elevação à categoria de município. Essa primeira leva era constituída por holandeses,

ucranianos e poloneses, mas, em 1909, chegaram os alemães, e de 1910 a 1912, mais poloneses e ucranianos se instalaram na localidade. Também a partir de 1910, começaram a se fixar os imigrantes italianos.

A colonização por imigrantes europeus e a proximidade com localidades de perfil sócio-histórico semelhante são fatores que podem suscitar entre os iratienses a preocupação com a manutenção da língua, cultura e identidade desses grupos étnicos. Por outro lado, os contatos linguísticos e culturais podem gerar um ambiente propício às manifestações de desprestígio ou preconceito em relação às diferentes línguas e, por extensão, aos seus usuários. Esta pesquisa buscou verificar se essas hipóteses se efetivam.

O artigo se estrutura da seguinte maneira: primeiramente, apresenta-se uma síntese do quadro teórico em que se situa a discussão sobre crenças e atitudes e sua relação com a identidade étnica do indivíduo; em segundo lugar, descreve-se a metodologia; seguem alguns resultados encontrados na análise do *corpus* e, por fim, as considerações finais.

1 Os Fundamentos Teóricos da Pesquisa

A área da Psicologia Social foi pioneira em investigar as crenças e atitudes, na década de 60. Porém, na atualidade, esse tema se beneficia das contribuições de outras grandes áreas, tais como a Sociolinguística e a Sociologia da Linguagem. Obviamente, cada área apresenta um enfoque diferente das crenças e atitudes linguísticas. A Psicologia Social fornece subsídios para o estudo dos papéis que os motivos, as crenças e a identidade exercem no comportamento linguístico do indivíduo. Para essa disciplina, as atitudes constituem um complexo fenômeno psicológico que se reveste de grande significado social (LAMBERT; LAMBERT, 1966). Já a Sociolinguística tem entre suas funções a tarefa de pesquisar a diferença entre a maneira como as pessoas fazem uso da(s) língua(s), bem como suas crenças a respeito de seu próprio comportamento linguístico e o dos demais falantes. Para essa disciplina, a importância do estudo das atitudes linguísticas reside no fato de que elas, além de revelarem múltiplos aspectos para melhor entendimento de uma comunidade, influem decisivamente nos processos de variação e mudança linguística, bem como afetam a eleição de uma língua em detrimento de outra e o ensino-aprendizagem de línguas nessa comunidade (MORENO FERNÁNDEZ, 1998; GÓMEZ MOLINA, 1996; BLANCO CANALES, 2004). Por sua vez, a Sociologia da Linguagem focaliza toda a gama de tópicos

relacionados à organização social do comportamento linguístico, incluindo não apenas o uso da língua em si, mas também as atitudes explícitas em relação à língua e aos seus usuários (FISHMAN, 1972).

Lambert e Lambert (1966, p. 77) definem a atitude como “uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante”. Ainda segundo esses psicólogos:

Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir. Dizemos que uma atitude está formada quando esses componentes se encontram de tal modo interrelacionados que os sentimentos e tendências reativas específicas ficam coerentemente associados com uma maneira particular de pensar em certas pessoas ou acontecimentos (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p. 77-78).

Bem (1973), por sua vez, acrescenta o componente social. Para o autor, as crenças e atitudes humanas se fundamentam em quatro atividades do homem – pensar, sentir, comportar-se e interagir –, que correspondem aos quatro fundamentos psicológicos das crenças e atitudes – cognitivos, emocionais, comportamentais e sociais. Já López Morales (1993) identifica na atitude apenas o componente conativo, separando o conceito de crença do de atitude e os situando em níveis diferentes: as crenças dão lugar a atitudes diferentes; estas, por sua vez, ajudam a conformar as crenças, juntamente com os elementos cognoscitivos e afetivos, considerando que as crenças podem estar ou não motivadas empiricamente.

Observa-se, assim, que não há consenso entre os pesquisadores quanto à estrutura componencial da atitude, especialmente porque a cada concepção de atitude corresponde uma abordagem diferente. Duas perspectivas sobressaem: a mentalista, que concebe a atitude como uma entidade complexa, compreendendo os elementos cognitivo ou cognoscitivo, afetivo e conativo, e a behaviorista ou comportamentalista, que vê na atitude um elemento único, geralmente afetivo ou de valoração (GÓMEZ MOLINA, 1996; MORENO FERNÁNDEZ, 1998; BLANCO CANALES, 2004).

Essas duas perspectivas implicam também abordagens metodológicas diferenciadas. Para a perspectiva mentalista, de natureza psicológica, a atitude é uma disposição mental em relação a condições ou fatos sociolinguísticos

concretos, razão pela qual não é possível medi-la ou observá-la diretamente, mas apenas deduzi-la a partir de certa informação psicossociológica, sendo necessário recorrer a técnicas indiretas para desvelar algo tão intangível como um estado mental. Já a concepção behaviorista interpreta a atitude como uma conduta, uma reação ou resposta a um estímulo – uma variedade linguística, por exemplo –, de modo que pode ser observada diretamente a partir do comportamento do indivíduo dentro de certas situações sociais (GÓMEZ MOLINA, 1996; MORENO FERNÁNDEZ, 1998; BLANCO CANALES, 2004).

Usar língua(s) faz parte da vida humana. É por meio dela que os usuários moldam, constituem e sustentam a vida social e a identidade social e individual. É natural, portanto, que toda pessoa, sendo falante de uma ou de diversas línguas em dado ambiente social, tenha visões, opiniões e atitudes sobre sua(s) própria(s) língua(s) e sobre a língua dos outros. Porém, no caso das atitudes linguísticas, o objeto da atitude não são as línguas em si, mas os grupos que as falam. As atitudes linguísticas representam, assim, um componente fundamental da identidade linguística do falante e possibilitam a leitura e compreensão do próprio comportamento linguístico. Nessa perspectiva, o estudo das crenças e atitudes linguísticas precisa estar fundamentado na relação entre língua e identidade étnica, pois, segundo Liebkind (1999), usar a língua influencia a formação da identidade de grupo, que, por sua vez, influencia os padrões de atitude e uso linguísticos.

Aguilera (2008) afirma que a língua não está desvinculada de seu contexto social, principalmente na sua condição de aspecto constituidor da identidade de determinado grupo étnico. Decorre daí que, “na maioria das vezes, ao caracterizar um grupo ao qual não pertence, a tendência é o usuário fazê-lo de forma subjetiva, procurando preservar o sentimento de comunidade partilhado e classificando o outro como diferente” (AGUILERA, 2008, p. 106). É a língua que simboliza os limites que separam o “nós” e os “outros”, uma vez que a língua que falamos identifica nossa origem, nossa história, nossa cultura, o grupo a que pertencemos.

De acordo com Liebkind (1999), um grupo étnico é frequentemente definido com base em critérios objetivos, ou seja, em características biológicas, geográficas, linguísticas, culturais ou religiosas. No entanto, a autora alerta que as culturas mudam, mas a continuação dos laços de grupo em si pode ser mais duradoura, de modo que os membros da terceira ou quarta geração de imigrantes, por exemplo, podem ser bastante diferentes de seus antepassados

da primeira geração, embora muitas vezes ainda se definam como membros de seu grupo étnico ancestral. Conforme a autora, um grupo étnico pode ser simplesmente definido como qualquer grupo de pessoas que se identificam ou são de alguma maneira identificados como, digamos, italianos ou poloneses, mesmo que não falem ou entendam o idioma, nem pratiquem a religião, nem gostem da culinária de seus ancestrais. E é por essa razão que a autora prefere definir a etnicidade, ou identidade étnica, com base em critérios subjetivos, já que se trata de uma crença subjetiva em uma ancestralidade comum, não importando se uma relação de sangue realmente exista. A filiação étnica é, nesse sentido, uma identidade presumida (LIEBKIND, 1999).

Padilla (1999) igualmente define a etnicidade como o pertencimento de um indivíduo a um grupo social que compartilha uma herança ancestral comum, a qual, por sua própria natureza, é multidimensional, envolvendo os domínios biológico, cultural, social e psicológico. Também para esse autor, a dimensão psicológica da etnicidade parece ser a mais importante, porque, independentemente de variações nos domínios biológico, cultural e social, se uma pessoa se autoidentifica como membro de um grupo étnico particular, então ela está disposta a ser percebida e tratada como um membro desse grupo. Assim, os rótulos étnicos, atribuídos tanto por si mesmos quanto pelos outros, são manifestações evidentes de identificação dos indivíduos com uma etnicidade específica.

Hall (2006), em suas reflexões sobre as mudanças conceituais de sujeito e identidade na modernidade tardia e na pós-modernidade, mostra que, de modo geral, o argumento da origem étnica e cultural como fundante da noção de identidade está baseado no conceito movediço de nação. No entanto, uma nação ou comunidade não pode, especialmente na pós-modernidade, ser homogênea, já que nela convivem sujeitos de diferentes classes sociais, grupos étnicos e de gênero. Assim, o sentimento de pertença a determinada comunidade culturalmente coesa e coerente é um sentimento construído histórica e discursivamente, pois tal comunidade é “imaginada”. Para Hall (2006), as identidades nacionais são formadas e transformadas no interior da representação.

Nós só sabemos o que significa ser ‘inglês’ devido ao modo como a ‘inglesidade’ (*Englishness*) veio a ser representada – como um conjunto de significados – pela cultura nacional inglesa. Segue-se que uma nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – *um*

sistema de representação cultural. [...] Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade [...] As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (HALL, 2006, p. 48-50, grifos do autor).

É no interior dessas representações que fazemos de nós mesmos e dos outros que se formam os estereótipos. Eles nascem do processo de elaboração de generalizações, as quais, em princípio, são extremamente úteis para a organização de nosso mundo conceptual. De acordo com Bem (1973, p. 12), “as crenças de um homem formam a compreensão que tem de si mesmo e do seu meio.” Porém, nem sempre as generalizações são confiáveis, no sentido de serem aplicáveis a todas as situações, ou seja, “nem sempre são verdadeiras em todos os casos além daquele conjunto de experiências nas quais se baseiam. Quando um indivíduo considera tais generalizações como se fossem verdades universais, geralmente as denominamos de estereótipos” (BEM, 1973, p. 17-18). Para esse autor, os estereótipos são, então, crenças supergeneralizadas baseadas num conjunto muito limitado de experiências e, em princípio, têm uma função cognitiva importante, pois “todos nós nos baseamos até um certo ponto em estereótipos para ‘empacotar’ nossos mundos perceptual e conceptual” (BEM, 1973, p. 21). O perigo está quando esses estereótipos afetam negativamente o comportamento social dos indivíduos.

Segundo Liebkind (1999), uma das principais ferramentas cognitivas que os indivíduos usam para definirem a si mesmos em relação ao mundo em que vivem é a categorização social, ou seja, a ordenação do ambiente social agrupando pessoas de uma forma que faça sentido para o indivíduo. Os indivíduos percebem a si mesmos como pertencentes a grupos sociais, e esse reconhecimento de filiação traz consigo um conhecimento dos valores, positivos ou negativos, que estão ligados a esses grupos.

Goffman (1963) também vê a categorização dos indivíduos como algo necessário ao convívio social, mas alerta que é essa mesma categorização que está na base da estigmatização, ou seja, da atribuição de uma característica vista como discrepante – e negativa – com relação aos atributos considerados naturais, normais e comuns do indivíduo. No âmbito da linguagem, o estigma

relacionado a uma língua ou variedade linguística pode levar os falantes a pararem de usá-la, colaborando para a substituição da língua ou variedade desprestigiada por uma de maior prestígio.

Uma das implicações que as atribuições ou avaliações da língua e do comportamento linguístico trazem para a sociedade, na visão de Giles e Niedzielski (1998), é que inúmeros falantes de certas línguas e dialetos crescem acreditando, às vezes por meio do ridículo e do abuso, que suas formas de se comunicar, que constituem um aspecto fundamental de sua identidade, são grosseiramente inadequadas, e muitos falantes acabam tendo vergonha do modo como falam.

Para finalizar, vale reforçar, na esteira de Calvet (2002, p. 77), que os comportamentos frequentemente são, “*ao mesmo tempo*, linguísticos e sociais: há por trás dele relações de forças que se exprimem mediante asserções sobre a língua, mas que se referem aos falantes dessa língua” (grifo do autor).

2 Procedimentos Metodológicos

Este estudo toma como *corpus* parte dos dados coletados pelo Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* (AGUILERA, 2009) em regiões de fronteira e imigração, no Paraná. O projeto envolveu oito municípios paranaenses, sendo seis municípios fronteiriços ao Paraguai e à Argentina e dois municípios situados na região central do estado, dentre os quais Irati, a localidade selecionada para esta pesquisa.

O aporte metodológico advém principalmente da Psicologia Social. Para o projeto em questão, adotou-se uma metodologia baseada na teoria mentalista, na perspectiva de que, conforme Blanco Canales (2004), apesar das evidentes desvantagens dessa abordagem, que demanda um mecanismo que permita inferir e medir as atitudes, é a mais bem aceita devido à sua capacidade de prever o comportamento verbal e, portanto, converter-se em modelos sistemáticos.

A construção do instrumento de coleta de dados contemplou a orientação de Lambert e Lambert (1966), que propõem medir as atitudes por meio de um questionário com itens elaborados de modo a representar os três componentes da atitude: a) o cognitivo ou cognoscitivo, referente ao que se sabe sobre uma língua, variedade ou grupo linguístico; b) o afetivo, que corresponde ao sentimento frente ao que se sabe a respeito de uma língua, variedade ou grupo linguístico; e c) o conativo, referente à predisposição

para agir frente ao que se sabe e sente sobre uma língua, variedade ou grupo linguístico. Elaborou-se, assim, um questionário para as entrevistas com base em tais critérios, tendo como modelo o questionário elaborado por Bergamaschi (2006), adaptado à realidade sociolinguística e cultural das comunidades de fala investigadas, com 48 perguntas específicas para avaliar crenças e atitudes linguísticas em relação às línguas em contato e ao português de cada localidade.

Na seleção dos informantes, foram consideradas três dimensões, a saber: a) a dimensão diageracional, contemplando três faixas etárias: 18 a 30 anos, 31 a 50 anos, e 51 a 70 anos; b) a dimensão diastrática, optando-se pela escolaridade como parâmetro definidor de classe social, resultando na definição de três níveis de escolaridade: fundamental, médio e superior; e c) a dimensão diassexual, contemplando sujeitos dos sexos feminino e masculino. Da combinação das variáveis resultou a seleção de dezoito informantes para cada localidade pesquisada.

Para o desenvolvimento da análise, optou-se por uma abordagem qualiquantitativa: primeiramente, as respostas foram quantificadas para fins estatísticos, rendendo dados que, por si só, podem ser reveladores de algumas crenças e atitudes com relação às línguas ou variedades e aos seus falantes; posteriormente, procedeu-se à interpretação qualitativa das respostas dos informantes.

3 Alguns Resultados

No que concerne à consciência linguística dos informantes de Irati em relação às línguas que falam, todos declararam falar português, e 22% deles disseram saber também um pouco do idioma de origem dos pais e/ou avós. O grande domínio da língua dominante (português) pode explicar um fenômeno que se vem verificando em muitas comunidades bi- ou multilíngues no Brasil, e que se reflete também em Irati: a gradativa substituição das línguas de herança pelo português, à medida que avançam as gerações. A língua minoritária vem gradativamente perdendo sua importância, sobrevivendo apenas em contextos restritos, como no lar, na igreja ou em festas comunitárias, e geralmente apenas entre os mais velhos.

A origem desse fenômeno pode se localizar no processo de nacionalização empreendido na década de 1930, em que o governo brasileiro interditou o ensino e o uso das línguas dos imigrantes. Naquele contexto,

[...] o Estado brasileiro implantou o português como língua nacional nas áreas de colonização estrangeira, (re)forçando a nacionalização. Esse fato inibiu significativamente a prática das línguas maternas dos imigrantes, marcadamente no domínio público e institucional, sobretudo na imprensa escrita e na escola, mas também no espaço privado. Contudo, a Campanha de Nacionalização do Ensino não conseguiu apagar totalmente as línguas estrangeiras junto a uma prática de linguagem eminentemente oral (BOLOGNINI; PAYER, 2005, p. 44).

Apesar do domínio majoritário do português em relação às línguas de herança, os iratienses parecem ter consciência da diversidade linguística ainda existente na localidade, e alguns até mesmo são capazes de citar exemplos das línguas faladas na comunidade. Merece destaque a percepção da maioria dos informantes de que as línguas eslavas são as mais faladas.

É importante mencionar que, em Irati, atuam vários elementos capazes de colaborar para a difusão das línguas e culturas dos descendentes de imigrantes. Em primeiro lugar, citam-se os órgãos de imprensa, especialmente a Rádio Najuá (2012), que apresenta programas de cunho étnico – “Hora das nações” e “Godzina Polska” (em polonês, “Hora da Polônia”), e o jornal *Prácia*, do município vizinho de Prudentópolis, que publica quinzenalmente informações em língua portuguesa e em língua ucraniana sobre diversos temas, principalmente relacionados à religião (JACUMASSO, 2009). Em segundo lugar, destacam-se os eventos religiosos e folclóricos, tais como a Festa Polonesa, a Festa das Nações e o festival alemão *Deutsches Fest* – Baile do Chopp e da Linguíça, bem como as atrações propiciadas pelo Grupo Folclórico Polonês Lublin e pelo Grupo Folclórico Ucraniano Ivan Kupalo (IRATI, 2012).

A religião é um elemento que pode favorecer a manutenção da língua, cultura e identidade de alguns grupos étnicos em Irati, especialmente os de origem eslava. Wachowicz (1982) informa que tanto os poloneses quanto os ucranianos eram dotados de um profundo sentimento religioso e influenciaram consideravelmente a caracterização étnica dessa região do estado. A igreja, ainda hoje, colabora para a manutenção da língua e da cultura desses grupos, com seus diversos eventos, especialmente os ritos natalinos e pascais celebrados pelos descendentes das duas etnias. Da parte dos ucranianos, especificamente, destacam-se as missas do rito ortodoxo, rezadas ainda na língua de herança, e as *hailkas*, que são brincadeiras, com cantos e danças populares, realizadas durante o período pascal.

Todos esses elementos, aliados aos símbolos materiais – como a arquitetura religiosa ucraniana, os artefatos e a culinária típica das diferentes etnias, por exemplo – atuam no sentido de reforçar a identidade étnica dos diversos grupos instalados em Irati, colaborando para a preservação de sua língua e cultura. Porém, parece que tais elementos não estão conseguindo evitar a gradativa perda da língua de herança entre as gerações mais jovens.

O papel da escola na manutenção das línguas de herança também é reivindicado pela maioria dos informantes: 61% acham que a escola deveria ensinar as línguas estrangeiras, ou uma delas. Os critérios para a eleição da língua a ser inserida no currículo, quando citados, geralmente estão ligados à predominância dessa(s) língua(s) na localidade, à necessidade de resgate daquelas pouco faladas e à promoção do respeito à diversidade linguística e cultural dos diferentes grupos étnicos. O índice de respostas parece ser suficiente para justificar a inclusão das línguas de herança no currículo escolar, pelo menos em caráter optativo.

Uma parcela pequena dos informantes (28%), no entanto, respondeu explicitamente que a escola não deveria ensinar as línguas faladas na localidade, ou que deveria apenas ensinar o português, ou a “língua brasileira”. As justificativas apresentadas fazem referência à opção preferencial pelas línguas de comunicação internacional na atualidade (inglês e espanhol), ou à inviabilidade de se comportar as várias línguas no currículo, ou, ainda, à preferência pelo ensino do português devido à constatação de que as crianças “não sabem falar” sua língua materna. Ressalta-se que essa crença de que as pessoas não sabem falar português denota uma confusão entre língua e gramática normativa, que pode ser atribuída à influência, principalmente, da escola.

Solicitados a avaliarem esteticamente as línguas, mais da metade dos informantes (61%) considerou o italiano como a língua mais bonita, mas apenas um justificou, dizendo que essa língua “é mais sonora”. Em segundo lugar, vem o polonês, avaliado como a língua mais bonita por 22% dos informantes. Já com relação à língua mais feia, um terço dos informantes citou o alemão, mas apenas três justificaram suas respostas, dizendo que essa língua é “estranha”, “diferente”, “mais difícil de falar” e “pouco sonora”. Em segundo lugar, vem o ucraniano, citado por cinco informantes (28%), sem justificativa para a resposta. Dois informantes (11%) citaram o polonês, mas apenas um justificou: “a língua polonesa, ela é complicada, dá essa impressão que o som das palavras sempre são iguais” (Inf. 18). Os resultados obtidos com estas questões mostram, de modo geral, uma tendência de se

avaliar como bonitas as línguas que os informantes entendem, ou seja, o fator “compreensibilidade” parece ser determinante para julgar uma língua como bonita.

Nota-se, de modo geral, que os informantes desvinculam certos aspectos referentes às relações sociais dos diversos grupos ou às características pessoais dos indivíduos de seu pertencimento a grupos étnicos específicos. Por exemplo, com relação ao nível de sinceridade e falsidade ou interesse das amizades, a percepção geral dos informantes é a de que esses elementos independem do pertencimento do indivíduo a dado grupo étnico, estando ligados mais às características individuais do sujeito. Além disso, grande parte declarou que namoraria ou se casaria com alguém dessas etnias, e também se mostrou disposta a procurar médico ou dentista dessas etnias – aliás, os índices mais altos de respostas positivas ocorreram nessa última questão, em que os informantes destacaram que o importante é a qualidade de formação profissional do médico ou dentista, e não o pertencimento a dada etnia. Há uma tendência geral de reação positiva frente às línguas estrangeiras faladas em Irati e aos seus falantes, já que grande parte dos informantes manifestou vontade de aprender a falar alguma das línguas de herança e disposição para comprar casas em bairros em que vivessem apenas membros de determinada etnia.

Essa atitude geral positiva frente às línguas faladas na localidade e aos seus falantes não significa, porém, que os informantes não tenham expressado a percepção de desprestígio da língua de herança, como mostram as respostas abaixo, referentes à pergunta que objetivava identificar a(s) língua(s) em que os pais falavam com o informante, quando criança:

(1) Só polonês. A minha mãe não sabia falar o português, daí falava muito mal o português. Então ela e o pai falavam o polonês, só que **nós, os filhos, tínhamos vergonha, porque na escola a gente falava muito atrapalhado**. Então a gente procurou deixar a língua polonesa, e falar só o português, que é um erro. (Inf. 12)

(2) Falavam muito em italiano, mas **eu fazia muita gozação deles falarem em italiano**, e falavam o português. (Inf. 18)

Na pergunta “Sobre essa multiplicidade de línguas que você ouviu aqui em Irati, gostaria de falar mais alguma coisa que eu não tenha perguntado?”, merece destaque a seguinte fala:

(3) Não, eu acho que isso é uma riqueza cultural que nós temos, e não... não sabemos preservar. Ao contrário, é... acho que nós até... muitas situações, nós... nós vemos... a gente percebe que **as pessoas se sentem envergonhado de dizer que conhece ucraniano, que sabe falar em... italiano ou alemão**, mas eu vejo que isso é uma... uma riqueza cultural que nós não sabemos preservar. [...] (Inf. 15)

Observa-se, na resposta dos informantes acima, um comportamento comum entre falantes de línguas minoritárias: a “vergonha” em falar a língua de herança, ou a “gozação” dirigida a falantes dessas línguas. Essa atitude parece denotar a falta de prestígio da língua minoritária perante a majoritária (o português). Porém, acompanhando esse sentimento, percebe-se também o orgulho que pode representar a proficiência na língua de herança, implícito no reconhecimento de que “deixar de falar essa língua “é um erro”, ou de que o conhecimento da língua é uma “riqueza cultural” a ser preservada.

Percebe-se também, na resposta do informante 12, a caracterização como “falar atrapalhado” o fato de falar português com interferência da língua de herança. Essa atribuição pode ser influenciada principalmente pela escolarização, processo que acaba por incutir uma concepção de língua que se confunde com a gramática normativa, mas pode ocorrer também devido aos comentários desabonadores de outros falantes, causando constrangimento ao usuário, o que apenas reforça a estigmatização de sua variedade.

Também houve algumas manifestações de visões estereotipadas. Vejamos, por exemplo, a resposta de um dos informantes à pergunta “Você conhece algum exemplo do italiano?”:

(4) Bom, tem várias expressões, *porco Dio*, por exemplo, que **os italianos usam pra xingar**. E as... as... as palavras de... de... do convívio da família, né, tipo: *mamma, papa, nonna*, coisas desse tipo. (Inf. 15)

Essa referência ao costume dos italianos de usarem palavras torpes para blasfemar ou “xingar” já se tornou, pelo menos na região sul do Brasil, um estereótipo do temperamento dos descendentes desse grupo étnico. Esse uso peculiar da linguagem, denominado turpilóquio, já vem sendo descrito por vários pesquisadores, dentre eles Frosi, Faggion e Dal Corno (2008), que concebem o turpilóquio como expressão étnica e elemento cultural ítalo-brasileiro. Em suas pesquisas na Região de Colonização Italiana (RCI), localizada no Nordeste do Rio Grande do Sul, as autoras verificaram que

pessoas até mesmo de outras cidades, falantes ou não de italiano, reconhecem tal emprego. Essas pesquisas mostram a presença de tabu linguístico, pois muitas expressões de linguagem torpe aparecem em formas que atenuam a ofensa, ou seja, a blasfêmia, substituída ou não por eufemismos, fica destituída de seus traços ofensivos. O tabu se relaciona principalmente à religião, em que os nomes sagrados sofrem trocas de fonemas: por exemplo, o nome de Deus (*Dio*) é substituído por um termo foneticamente semelhante, como em *porco zio* (literalmente, “tio porco”), ou por um termo que nada significa, como em *porco díone*, evitando-se, assim, o termo altamente ofensivo *porco Dio*.

Um último exemplo vem novamente de resposta à questão que deixava livre ao informante falar sobre a multiplicidade de línguas ouvidas em Irati:

(5) Por exemplo, assim, eles... os... eu acho que os... os... **os ucranianos são muito mais... entre eles, mais ligado entre eles do que qualquer outra raça.** [...] Eu acho isso. Os poloneses, já não são parece que tanto... são entre eles *nache lhude*, sabe. Agora, os ucranianos, eu acho que eles são muito mais... como que eu vou dizer... entre eles, os patrícios, eles acham assim, *nache lhude*, é ‘nossa gente’, então, **se for pra ajudar, eles ajudam ‘a nossa gente’**, e os outros, não. É o meu pensamento, Tadi, sabe, porque já tive, assim, já convivi com... com... com... com... já... já convivi com... com ucranianos, com poloneses. Eu acho que **os ucranianos, eles são mais unidos**, no meu parecer, eles são mais *nache lhude*, eles se ajudam entre eles mais. (Inf. 12)

A resposta diz respeito ao comportamento observado dos ucranianos, que manteriam, na visão do informante, maior coesão e união intragrupo que os poloneses. Para representar essa coesão percebida, o informante citou a expressão *nache lhude* (em ucraniano, “nossa gente”), que parece ser um discurso incorporado pelos demais grupos como demarcador de uma característica dos ucranianos. Interessante notar que a expressão *nache lhude* foi a mais lembrada – de maior recorrência em relação aos demais termos ou expressões – na questão que solicitava do informante um exemplo do ucraniano, o que evidencia um uso bastante frequente, dando indícios de um sentimento ou discurso de união bastante reforçado entre os ucranianos.

Conclusão

Os primeiros resultados desta pesquisa dão pistas importantes ligadas aos três componentes da atitude postulados por Lambert e Lambert (1966). No nível cognoscitivo, constata-se que os informantes, de modo geral, sabem denominar a língua que fala e, apesar de muitas vezes não mais falarem a língua de herança, têm consciência da diversidade linguística na localidade, ainda que ofuscada pelo domínio da língua majoritária, e reconhecem a importância de se preservar as línguas de herança, principalmente por meio da escola.

No nível afetivo, observa-se a avaliação subjetiva das línguas atrelada principalmente ao fator compreensibilidade. Assim, o italiano, uma língua de origem latina – portanto, com relação de parentesco com o português –, foi avaliado como a mais bonita pela maioria dos informantes. Já as línguas alemã e ucraniana foram avaliadas como as mais feias, mas as razões fornecidas pelos informantes apontaram para a dificuldade de se entender as línguas, para a “estranheza” aos ouvidos, e não para alguma característica intrínseca a elas.

Ainda no nível afetivo, pode-se avaliar a opinião sobre a sinceridade e falsidade ou interesse das amizades como positiva, de forma geral, já que a maioria dos informantes percebe que tais características independem da etnia.

No nível conativo, os resultados mostraram uma predisposição geral positiva frente à possibilidade de relacionamento afetivo, profissional ou social (relações de vizinhança) com membros das diversas etnias, e frente à possibilidade de aprender a falar alguma das línguas de herança.

Esses resultados mostram que as diferenças, salvo algumas percepções ao contrário, parecem já estar bem diluídas entre os iratienses. A diluição das fronteiras identitárias pode ser atribuída, entre outros fatores, à velocidade das mudanças contemporâneas, que tem acarretado o declínio das velhas identidades (HALL, 2006), e acirrada pela substituição gradativa da língua de herança – considerando-se que a língua é um dos símbolos demarcadores da identidade.

A persistência de alguns estereótipos relacionados aos grupos étnicos parece cumprir uma função importante na delimitação desses grupos, provendo-lhes um sentido de coesão e assegurando um sentimento de pertença a um grupo. Dessa forma, os estereótipos podem atuar como uma forma de defesa da própria identidade.

Referências

AGUILERA, V. de A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, v. 2, n. 37, p. 105-112, maio/ago. 2008.

AGUILERA, V. de A. *Crenças e atitudes linguísticas*: um estudo da relação do português com línguas de contato. 2009. [Projeto desenvolvido pela autora].

BEM, D. J. *Convicções, atitudes e assuntos humanos*. Trad. Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: EPU, 1973. (Coleção Ciências do Comportamento).

BERGAMASCHI, M. C. Z. *Bilingüismo de dialeto italiano-português*: atitudes lingüísticas. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul. 2006.

BLANCO CANALES, A. *Estudio sociolingüístico de Alcalá de Henares*. Alcalá de Henares, Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2004.

BOLOGNINI, C. Z.; PAYER, M. O. Línguas de imigrantes. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 42-46, abr./jun. 2005.

CALVET, L. J. *Sociolingüística*: uma introdução crítica. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

FISHMAN, J. A. *The sociology of language*: an interdisciplinary social science approach to language in society. Rowley, Massachusetts: Newbury, 1972.

FROSI, V. M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. Turpilóquio: o léxico do falar na linguagem oral da região de colonização italiana do nordeste do Rio Grande do Sul. In: ENCONTRO DO CELSUL, 8., 2008, Porto Alegre. *Anais...* Pelotas: Educat, 2008. v. 8. p. 255-256.

GOFFMAN, E. *Stigma*: notes on the management of spoiled identity. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1963.

GÓMEZ MOLINA, J. R. Actitudes lingüísticas en Valencia y su área metropolitana: evaluación de cuatro variedades dialectales. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE LA AMÉRICA LATINA – ALFAL, 11., 1996, Las Palmas de Gran Canaria. *Actas...*, Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1996. v. 2. p. 1027-1042.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IRATI. Prefeitura Municipal de Irati. 2012. [site oficial]. Disponível em: <<http://www.irati.pr.gov.br/municipio>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

JACUMASSO, T. D. *Diversidade linguística, cultural e políticas linguísticas: estudo de uma comunidade ucraniana de Irati/PR*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2009.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. *Psicologia social*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

LIEBKIND, K. Social Psychology. In: FISHMAN, J. A. (Ed.). *Handbook of language and ethnic identity*. New York: Oxford University Press, 1999. p. 140-151.

LÓPEZ MORALES, H. *Sociolingüística*. 2. ed. Madrid: Gredos, 1993.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

ORREDA, J. M. *Irati, teu nome é história: revista do centenário*. Irati: O debate, 2007.

PADILLA, A. M. Psychology. In: FISHMAN, J. A. (Ed.). *Handbook of language and ethnic identity*. New York: Oxford University Press, 1999. p. 109-121.

RÁDIO NAJUÁ. *Programação*. Disponível em: <<http://home.radionajua.com.br/AM/programacao>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

WACHOWICZ, R. C. *História do Paraná*. 5. ed. Curitiba: Vicentina, 1982.